

Ao som dos “palavrões e nomes feios”: A inserção das crianças no universo do futebol amador em Catingueira – PB

Antonio Luiz da Silva*
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Resumo: Neste artigo parto de uma pesquisa feita em Catingueira – PB, na qual realizei observação participante às margens de um estádio de futebol amador. Enfatizo a importância desse esporte para a cultura local e nacional, indicando que ele não tem escapado às considerações de pensadores brasileiros. Mostro que o futebol catingueirense é masculinizado e adultocentrado, colocando os homens no centro e os meninos nas beiradas do gramado. Destaco os “palavrões e nomes feios”, prática masculina que não se constrange na presença das crianças nem dos adultos. Sem fazer juízos valorativos, reconheço-os tanto no futebol quanto em outros ambientes cotidianos. Dialogando com autores das ciências sociais e humanas, busco situar esse comportamento cotejando-o com a literatura temática especializada. Concluo que mesmo não se agarrando à moralidade e à polidez verbal ordinária, o campo de futebol se apresenta como relevante palco para a encenação do vivido, ocasionando às crianças e aos adultos leituras e aprendizados.

Palavras-chave: Futebol; Crianças; Adultos; Palavrões; Catingueira.

Abstract: In this article I take a part of my research conducted in Catingueira - PB, where I did participant observation in a stadium of amateur football. Emphasize the importance of this sport for the local and national culture. I show that this topic has received considerations of Brazilian thinkers. Show that football in that city is masculine, placing men in the center and the boys at the edges of the lawn. Emphasize the use of 'bad words and bad names'. Reveal that this practice does not bother with the presence of children. Without making value judgments, recognize that 'bad words' and 'bad names' is in soccer and in other everyday environments. In dialogue with authors of the social sciences and humanities, seek collate this behavior with the literature. I conclude that the football field, not even respecting morality and ordinary verbal politeness, is relevant space for the staging of living, providing reading and learning for children and adults.

Keywords: Football; Children; Adults; Swearing; Catingueira.

Para começar a pensar

É tarefa bastante difícil de explicação a gigantesca paixão de uma parcela do povo brasileiro pelo futebol. Por ele, algumas pessoas brigam, morrem, enfartam e matam. Diante de uma partida marcante, ou decisiva para um clube, homens choram em público, apostam a vida e a fortuna. O futebol, mais do que qualquer outra modalidade esportiva, tem preponderância preferencial no imaginário coletivo e em muitos processos subjetivamente

humanos em todo território nacional. Não me cabe aqui pensá-lo de forma apressada, acusando-o de ser fonte de alienação, como se ele fosse um poderoso anestésico de massas com poder de apagar a capacidade reflexiva de toda a sociedade, fazendo com que todas as demais realidades nacionais sejam esquecidas ou deixadas de lado diante de um evento futebolístico. Esse aspecto deve existir, mas o futebol não é somente isso.

O futebol brasileiro, antes e além de qualquer coisa, é, sobretudo, um grande promotor de sociabilidades, explicitador de identidades, fonte de relacionamentos, espaço de poderes, produtor de subjetividades e manifestação de incomparável riqueza. Ao redor dele estão, não sem conflitos, inclusive nos mais longínquos rincões do país, representantes de todas as faixas geracionais, de diferentes grupos étnicos, de todas as classes sociais e situações econômicas, além de uma variedade de arranjos políticos incomensuráveis. É fato que desde sua chegada ao país essa prática vem se incorporando de forma dramática não apenas aos olhares de seus enlouquecidos amantes. Mas, rompendo também o preconceito acadêmico, ele vem se impondo às vistas de muitos observadores da vida nacional. Não foi à toa que “(...) aquilo que Lima Barreto via como futilidade pôde ser definido, apenas duas décadas mais tarde, como “verdadeira instituição nacional” por Gilberto Freyre” (FRANZINI, 2000: 03).

Sem dúvida, ele promove também ambiente de conhecimentos, ensinamentos e aprendizagens. Dessa forma, aquele que atenta para a função social do futebol em alguns espaços da cultura brasileira, pode acabar se convencendo de que qualquer pequeno gramado, mesmo aquele organizado para peladas de fins de tarde, é capaz de oferecer um importante palco para a encenação de muitas das realidades do vivido humano. Por isso, ele tem, sim, servido de elemento interpretativo para as diversas situações da vida brasileira, não tendo passado ileso aos olhos dos pensadores nacionais (DAMATA, 1994; FRANZINI, 2000; DAMO 2001; GASTALDO, 2005; GUEDES 2011; ALMEIDA 2011). Para Souza (1996: 112): “Não se pode definir o que é o povo pelo futebol. Porém, pode-se perceber aspectos

relacionados à nação no Futebol”. O futebol, assim como o carnaval, a religião, a política e tantos outros elementos que compõem o caleidoscópio da cultura nacional, explica um pouco da alma do Brasil, adentrando em sua estrutura e dinâmica. Assim, ele é para Gastaldo: “(...) fato cultural da maior importância na cultura brasileira contemporânea, (...) considerado um dos principais elementos articulados com a identidade nacional no Brasil (...)” (2005: 149). De acordo com Guedes (2011: 02): “Através do futebol avaliamos e discutimos identidade e honra nacional, composição étnica do povo brasileiro, virilidade e masculinidade, força, fraqueza, coragem, covardia, solidariedade”. Esse esporte é para Almeida (2011: 101): “(...) um elemento que agrega os acontecimentos sociais, para (...) transformar-se em fonte de produção cultural, bem como em elemento imprescindível para entender os acontecimentos sociais e culturais”. O mesmo futebol, no dizer de Roberto DaMatta (1994: 12): “(...) é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós”. Diz Marcia Longhi “(2001: 115): “(...) penso no futebol como uma categoria vinculada à identidade nacional (...)”. E para completar, assegura Franzini (2000: 01): “(...) embora o *football association* tenha nascido na Inglaterra e desde logo se constituído em fenômeno global, só existe um “país do futebol” — outro famoso epíteto sob o qual o Brasil se autoidentifica e se faz reconhecer por todo o planeta”. Certamente não é sem motivo que tomamos para nós o rótulo internacional de o país do futebol.

Este texto é um pequeno recorte aprofundado de uma investigação que empreendi na cidade de Catingueira, no semiárido paraibano, no Nordeste do Brasil, no mês de fevereiro de 2012¹. Naquela ocasião, tinha como propósito analisar os direitos das crianças, 22 anos depois da promulgação do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Embora não fosse o futebol meu objetivo, como muitas coisas inesperadas acontecem no âmbito da pesquisa, nas várias incursões que realizei em campo, me foi dada a ocasião de observar a participação das crianças, às margens do estádio “Vovozão”. Nele, o acesso pleno às crianças não era um

direito assegurado, mas um direito em disputa, uma vez que este grupo não tinha naquele espaço nenhuma consideração preferencial, prioritária e menos ainda absoluta. Apesar disso, o referido estádio me pareceu apropriado para outras compreensões.

O futebol catingueirense, assim como em todo território nacional, estabelece-se numa ambiência acentuadamente masculina. Embora não seja objetivo deste trabalho, lembro que “No Brasil a formação da masculinidade passa pela construção de uma identidade marcada na infância e na adolescência pela atuação do jovem nos jogos de futebol” (LEON, 2009: 2). Diferente das meninas, que recebem bonecas ou brinquedos tidos como mais delicados, contaram-me, em tom de galhofa, à beira do Vovozão que em Catingueira bem não se aprende a andar, os pais, os tios e os amigos da família se encarregam de dar ao menino uma bola para chutar, frequentemente causando tormentos domésticos, mas apenas para as mães.

Em Catingueira, olhando para um atleta amador que se destacava bem no futebol, os observadores geralmente diziam: “Aquele cabra ali já nasceu com a bola nos pés”. E isso era um forte elogio compartilhado. Como já notou Franzini (2005: 316): “A virilidade virtuosa do esporte é frequentemente ressaltada pela sentença “futebol é coisa para macho” (ou, em uma versão pouco menos rude, “coisa para homem”), bem como em tiradas jocosas reveladoras de vivo preconceito”.

Não posso dizer que as mulheres catingueirenses não gostam ou não praticam futebol. Ouvi, de uma única moça, que tinha se destacado como atleta local, que um time de mulheres já havia sido criado no município. Mas, ao que me parece, não vingou suficientemente ao ponto de fazer história. Aliás, à beira do gramado daquela cidade a presença feminina não apresentava nenhuma significância numérica. E isso espelha a ‘regra nacional’, que apesar de já termos tido a alagoana Marta, algumas vezes, como a melhor do mundo, a inserção das mulheres no universo do futebol ainda é menor tanto em termos de visibilidade social quanto no que se refere a ocupação dos espaços midiáticos. Certamente por conta da ausência

feminina, o estádio de futebol, em muitos lugares, e em especial em Catingueira acaba sendo um espaço fundamentalmente masculinizado. Mas não só. Trata-se, além disso, de um ambiente bastante adultocentrado, que empurra os meninos e suas práticas para as margens, deixando aos homens o centro do gramado (SILVA, 2013b).

Nas beiradas do campo de futebol catingueirense, das muitas coisas que presenciei, fiquei imensamente impressionado com a quantidade de ‘palavrões e nomes feios’ que ouvi, destacando-se que naquele espaço havia sempre muitas crianças. Por que achei o uso dos ‘palavrões e nomes feios’ um comportamento exótico ou digno de atenção? Por que levava o ECA em minha cabeça? Por que ao meu redor as pessoas não dizem palavrões? Por moralismo apenas? O uso do palavrão não é novidade no cotidiano de ninguém desta nação (ARAÚJO, 2008; SILVA 2009; ORSI 2011; SANTOS & COSTA 2013). E, apesar de não ter sido registrado pela literatura especializada, destacando-se especificamente sua ocorrência frente às crianças, ele não pode ser considerado novidade para os pesquisadores do futebol. Toledo (1993) mostrou o uso do xingamento entre os torcedores, Pimenta (2000) apontou a violência verbal entre as torcidas organizadas e Ribeiro (2001) revelou a existência de uma certa licenciosidade linguística associada ao futebol, só para tomamos três notas. Considerando as crianças e sua presença naquele ambiente, pego aqui esta questão para reflexão. Procuo compreendê-la em seu sentido mais antropológico, no humanamente expresso, questionando o que essa prática, que por vezes soava-me obscena, representava para as pessoas que estavam envolvidas naquele espaço. Farei um esforço para não estabelecer juízo valorativo de caráter moralizante. Procurarei situá-lo na cultura geral do Brasil e no costume particular dos atletas amadores e dos torcedores à beira do gramado, além de cotejá-lo com algumas escritas da literatura interdisciplinar especializada.

Sobre o campo da pesquisa e o local específico da observação

Catingueira - PB é uma cidadezinha pequena, daquelas que são necessários em torno de 10 minutos para ser percorrida de uma ponta a outra. A contagem de seus habitantes ainda não passa dos cinco mil. Embora sua população e seu aglomerado urbano sejam pequenos, sua extensão territorial municipal é imensa, contando com aproximadamente 529,46 km². Ela encontra-se no Vale do Piancó, no semiárido paraibano, no Nordeste do Brasil. Suas fronteiras estão demarcadas por várias cidades circunvizinhas, tais como: Pombal, Cajazeirinhas, São Bentinho e Condado ao Norte, ao Sul com Imaculada e Santa Terezinha ao Leste e ao Oeste com Coremas, Emas e Olho d’água. Seus polos de principais referências são os municípios de Patos, Campina Grande e João Pessoa, esta última a capital do Estado da Paraíba, estando dela distante aproximadamente 340km.

Parte de seu território rural e todo seu aglomerado urbano são atravessados pela BR 361, o que “(...) nos autoriza a dizer que, mesmo paradinha em seu desenvolvimento econômico, Catingueira nos oferece sempre uma sensação de pacata agitação, por conta do seu constante movimento de carros” (SILVA, 2012: 231). É uma cidade simbolicamente de ‘passagem’, que “(...) encontra-se bem no meio do caminho e também à beira da estrada, em conexão com outras cidades da região, ligando-se a várias municipalidades, num vai e vem constante” (SILVA, 2014:104).

Uma parte de seus habitantes, incluindo alguns dos que vivem na zona urbana, está ligada à agricultura doméstica, plantando pequenos roçados para seu sustento e de suas famílias. É ainda comum a criação de animais pequenos, como galinha, bode, porco, ovelha etc. Além dessa atividade agropastoril, a outra parte das pessoas sobrevive do dinheiro dos pequenos comércios, dos empregos da prefeitura e do Estado, e sobretudo das aposentadorias e do auxílio do governo federal, como o Programa Bolsa Família (PIRES & SILVA JARDIM 2014; SILVA 2012; SILVA, 2013).

As pesquisas têm observado em Catingueira ao menos quatro fortes paixões: sua devoção e religiosidade; suas festas, seja no tempo do padroeiro ou nos festejos juninos fora de época; sua política, discutida permanentemente; e seu futebol (PIRES, 2013; SILVA, 2012; SILVA 2013B). Esta última será aqui tomada para reflexão.

No dia em que lá atraquei, saí caminhando por sua rua principal, dando uma primeira olhadela, ‘observando flutuamente’ (PETTONET, 2009), quando dei-me de frente com um grupo de crianças do sexo masculino ao lado do campo futebol, onde um grupo de homens estava envolvido em uma pelada. Depois desse primeiro encontro, por alguma atração imponderável, passei a frequentar aquele lugar todos os dias de minha temporada de pesquisa.

Naquela ocasião, o campo de futebol encontrava-se cercado por uma muralha de tijolo de quase quatro metros de altura. Na cabeceira de entrada, colada ao portão principal, havia uma latada (cabana coberta de palha) que servia para proteger do sol, mas não da chuva, a qual muitas vezes funcionava como vestiário. Na outra cabeceira, ficava uma arquibancada que formava um “L” e se estendia para um lado do campo. Ao centro, estava o espaço dos homens, no qual só se joga de chuteiras para não danificar o gramado impecavelmente aparado. Ao lado da cabana de palha, antes do gramado principal, havia um terreno ‘meio careca’, com duas traves de ferro, onde os meninos desenvolviam e ainda desenvolvem seus jogos.

Durante o tempo da investigação, notei que os meninos praticavam futebol, em vários momentos do dia e até da noite, em muitos espaços da cidade, como se fosse uma devoção ou uma deliciosa obrigação. Diz Longhi (2001: 116): “Justamente por ser um intervalo no cotidiano, o jogo comporta um elemento de magia e fantasia”. De outra forma não se justificaria o jogo deles naquela quadra velha que teve suas paredes destruídas por um forte vendaval, ocorrido há mais de meia década na cidade e que até o presente não fora consertada. Muitas vezes os vi descendo da parte alta da cidade com rodos e vassouras para limpá-la antes

de iniciarem seus jogos. E, numa crítica velada aos poderes constituídos, diziam que o povo da prefeitura não tinha interesse pela quadra, só indo lá para “(...) bater foto”, (Saulo, 12 anos)

No estádio, a rotina era e ainda é mais ou menos a seguinte: à tarde, os meninos chegam ao “Vovozão” por volta das 15 horas, os homens só aparecem por lá depois das 16:30, quando o sol já vai baixando. Os meninos vão ao campo todos os dias, os homens jogam sempre em dias alternados, porque o estádio é compartilhado pelos quatro times adultos da cidade. Embora sempre houvesse adultos no campo, eles não eram, necessariamente, os mesmos, ao passo que as crianças estavam lá como que fazendo uma ‘obrigação sagrada’, variando muito pouco.

Da parte gramada do campo, aos meninos sobravam somente as migalhas, enquanto os homens não chegavam. Depois que os adultos apareciam, logo após o aquecimento, as crianças eram tangidas automaticamente para as beiradas do gramado. Não há aqui, provavelmente, nenhuma ruindade conscientemente deliberada. Do ponto de vista prático, não dá para deixar que joguem adultos e crianças no mesmo espaço, uma vez que os mais velhos podem, inadvertidamente, machucar os mais novos. Contudo, era estranho, ao meu olhar de pesquisador de direitos de crianças, que o estádio não tivesse horário estipulado para as crianças. Tinha apenas o sábado pela manhã reservado para uma escolinha de futebol particular, a qual cobrava dos pequenos atletas a quantia de R\$ 15,00 reais/mês, o que deixava de fora uma enormidade de crianças empobrecidas da comunidade. E assim, o campo de futebol se tornava, abusiva e excludentemente, ambiente de lazer de jogadores homens adultos. O município, segundo seus gestores, não dispõe de nenhuma política de esportes para crianças (SILVA, 2012), apesar de não ter nenhum investimento pecuniário para os times adultos, a organização da prefeitura lhes reserva ao menos o espaço bem cuidado do gramado (SILVA, 2013a). Talvez por isso, o campo tenha se constituído em orgulho adulto e aspiração dos meninos.

Acrescento aqui que em Catingueira, nas muitas das rodas de conversas e nas vivências masculinas, o futebol ocupa espaço singularmente central, reproduzindo a preferência nacional (SILVA, 2013b). É ele quem leva os homens ao campo, vários dias na semana e invariavelmente aos domingos. É a paixão pelo futebol que também os conduz à praça todas as quartas-feiras para, enquanto tomam algumas cervejas, assistirem aos jogos dos campeonatos nacionais transmitidos pela televisão aberta. É ainda o futebol quem obriga as crianças a saírem de casa todos os dias, em diferentes horários, quase que numa ‘obrigação religiosa’, para jogar nas ruas, nas pontas das praças, na quadra, no campo de futebol ou em qualquer lugar do território municipal onde uma bola possa ser chutada.

É claro que ao olhar para o campo de futebol, nas discussões que estabeleço aqui, estarei dando ênfase a um dos principais espaços de sociabilidades infantis e ambiência de produção de subjetividades. Mesmo sendo um espaço adultocentrado, não poderei deixar de reconhecer que naquele ambiente muitas relações são estabelecidas entre homens e homens, entre homens e meninos e também entre meninos e meninos. Além disso, muitas vivências e muitos aprendizados, sem dúvida, são compartilhados. Pareceu-me, além do mais, que em Catingueira “(...) o futebol representa um dos melhores tradutores da infância de muitas crianças, especialmente, daquelas do sexo masculino” (SILVA, 2013b: 104).

A partir de alguns fatos observados

Num primeiro momento, o campo de futebol, entre tantas coisas, despertou minha atenção para o uso (abuso?) da linguagem. É bem verdade que a linguagem cotidiana é um fenômeno social por natureza. As pessoas estão inseridas numa comunidade de falantes desde a mais tenra idade. Numa comunidade de falantes algumas expressões são pronunciadas e aceitas livremente, outras são compreendidas em seus sentidos mais ampliados, mas faladas menos ou até evitadas, e ainda há outras que são abertamente condenadas pela cultura geral.

Os estudiosos do comportamento verbal chamam a estas palavras condenadas de tabus linguísticos. Um tabu linguístico pode ser um palavrão, uma blasfêmia ou mesmo uma grosseria (ARAÚJO, 2008).

Um estádio de futebol, como ambiente produtor de linguagem, parece desconsiderar a lógica estabelecida pela cultura mais polida que, em alguns ambientes sociais, condena determinadas expressões na fala cotidiana. Em Catingueira, o campo de futebol assemelha-se a um terreno livre de qualquer repressão verbal. Das muitas coisas que lá vi e ouvi, escrevi, com muito espanto, em meu caderno de campo que no “Vovozão” cada qual fala o que bem deseja. É uma espécie de areópago democrático ‘quase’ ou sem censura. A força verbal de muitas expressões, usadas de modo bastante livre, desconsiderando a ‘pureza gramatical’, independente, inclusive, de quem quer que estivesse por perto, me levou a pensar que no universo do futebol amador, em Catingueira, tomando aqui emprestado uma expressão leachiana, a maioria dos homens fala o “idioma da obscenidade” (LEACH, 1984: 173). É claro que um campo de futebol, enquanto espaço vital, é um caldeirão fervente de emoções onde grupos humanos são postos à prova, de modo que entre razão e emoção esta última prevalece. E como bem aponta Ribeiro (2001: 15): “(...) a linguagem do futebol, se adotarmos um rigor científico, deve ser considerada uma linguagem especial (...). (...) a linguagem do futebol apresenta muitos desvios linguísticos, que são transgressões às normas da língua padrão”. Certamente por ser um ambiente onde mais vigora a emoção.

Não posso pensar que o palavrão é completamente sem sentido num campo de futebol. Como observou Mondí (2012: 166): “O uso do palavrão só tem sentido se estiver atrelado a um impacto vital, já que é uma palavra da língua conectada a uma provação existencial, e uma partida de futebol é um lugar propício para a manifestação dessas provações”.

“Vá tomar no cu”, “Toca a bola, veado”, “Filho duma puta ruim”, “Zé Buceta”, “Cara de Piriquito”, “Filho de rapariga”, “Vai se fuder”, “Caralho”, “Baba ovo”, “Gay”, “Veadão”,

“Chifrudo”, “Chupão”, “Corno”, “Comi tua mulher”, “Vou pegar a tua filha”, “Levou cangalha”, “Tabacudo”, “Pica podre”, “Pica mole”, “Cuzão” estão entre os palavrões e/ou xingamentos, inscritos nas ditas palavras de baixo calão, mais comuns, utilizadas no gramado, nas arquibancadas e nas beiradas do campo. Apesar de também acreditar que esse comportamento não seja exclusividade de Catingueira, notei que dizer um “Vá pra uma porra” parecia quase uma melodia. Chamar um ao outro de “Filho da peste”, “Satanás de Asa”, “Molestado”, “Bexiguendo” “Miséria”, “Tá com a gota serena”, afirmar que “foi foda”, parecia não ser nada. Dizer isso, contudo, não significa que todos os catingueirenses falem palavrões e em todos os lugares. Aliás, a cultura de uma comunidade, mesmo tendo elementos hegemônicos, não é um todo homogêneo. Mas também não dá pra dizer que somente no estádio se fala ‘palavrões e nomes feios’ sem censura. Em outros lugares, vez ou outra, também observei a pronúncia liberada dos ‘palavrões e dos nomes feios’.

Mesmo pensando em outro contexto e situação, segundo Leach (1984: 173): “O idioma da obscenidade cai em três categorias: 1) palavrões; 2) blasfêmia e profanação; 3) insulto animal (...)”. Guardadas as devidas proporções, a compreensão leachiana, sem dúvida, nos ajuda a classificar o uso dos ‘palavrões e nomes feios’ também no campo do futebol. Alguns dos ‘palavrões e nomes feios’ proferidos à beira do estádio em Catingueira podem ser classificados como obscenidades, enquanto que outros parecem mais uma grosseria. Insultos animais são bastantes frequentes. Chamar um atleta de cavalo, jumento da moléstia, veado mole, porco nojento, cachorro doido, por exemplo, era lugar-comum. Não posso considerar nenhum deles como uma blasfêmia, que é comumente entendida como uma ofensa religiosa. Acredito que o catingueirense, religioso como é (PIRES, 2011), certamente, não se permitiria proferir uma blasfêmia.

Partindo do futebol catingueirense, os ‘palavrões e os nomes feios’ parecem pertencer a uma categoria que se situa na fronteira entre o dito e o gritado, mas nunca entre o inaudível

e o impronunciável. Como em qualquer ambiente, no estádio eles ocupam o lugar do contraditório, sendo praticado por todos os presentes, inclusive independente de sua posição social e econômica. Recordo aqui que para Araújo (2008: 314): “Houve um tempo em que se acreditou que esses “valores” atribuídos às palavras proibidas eram oriundos de uma classe social menos abastada. Porém, (...) é possível verificar o gosto pela obscenidade entre os que pertencem à dita “classe nobre”. Notei que havia sim gente com mais poder aquisitivo à beira do campo. Estavam lá comerciantes, coordenador de esporte municipal, trabalhadores rurais, desempregados, funcionários públicos, um futuro vereador², um futuro secretário de esporte etc. Nesse sentido, concordo com Marcia Longhi (2001: 117): “No Brasil, o futebol extrapola as divisões de grupos sociais”. Naquela mistura, quando o assunto era o uso dos ‘palavrões e dos nomes feios’, a polidez verbal de ninguém se distinguia.

E, mesmo tendo indagado se o uso dos ‘palavrões e nomes feios’ por parte dos homens não se devia a ausência de mulheres na beira do gramado, devo recordar que também ouvi meninas jovens dizerem palavrões, na cidade, embora não escutei-os da boca de mulheres adultas e nem idosas. Como sugere Orsi (2011: 334): “Podemos associar esse dado ao fato de que muitas dessas unidades consideradas proibidas passaram a integrar músicas, roteiros de televisão e legendas de filmes, por exemplo”. Entre os homens catingueirenses, mesmo em outras situações que não o futebol, também presenciei, como menos liberalidade, o uso frequente do palavrão.

Em alguma medida, parece que o uso dos palavrões faz parte tanto do universo humano quanto do mundo dos esportes. Comportamento semelhante já foi observado por Wacquant (2000) entre boxeadores americanos, tendo este sido nomeado, acertadamente, pelo referido autor de “idioma da exploração corporal”. Diz Wacquant (2000: 129): “A consciência que o boxeador tem da exploração é expressa através de três idiomas aparentados: o da prostituição, o da escravidão e o da criação animal”. Aqui destaco a diferença de que estas

expressões comunicam autoconsciência, autorreferência e, em certa medida, xingamentos dirigidos contra si, autodirigidos, então. Imaginem que um boxeador disse isso de si a Wacquant (2000: 142): “Eu sou uma puta que vende o sangue em vez da bunda. Mas isso faz parte do esporte”.

No mundo do futebol catingueirense, os xingamentos, os insultos, que aqui estou preferindo chamar de ‘palavrões e nomes feios’, expressão comumente utilizada na comunicação nordestina, são dirigidos contra outrem. É o jogador ruim quem é o cagão; é o juiz quem é o ladrão ou, preferencialmente, o filho de uma puta; é o treinador quem é o veado e assim por diante. Em alguns casos os jogadores podem até dizer: “Eu me fodi” ou “Aquele perna de pau me fudeu todinho” ao levar uma canelada, resultando numa contusão ou em sua retirada do campo. Mas comumente eles não são auto-ofensivos, autodegradantes, de modo que não percebi jogadores dizendo essas coisas contra si próprios, mesmo que nada os impeça de isso dizerem. Afinal de contas, para Santos e Costa (2013: 337): “O gatilho que dispara o palavrão é a emoção individual de cada falante. O que dá ao palavrão sua força é o sentido negativo que ele carrega”.

No espaço do futebol catingueirense, o palavreado ‘pesado’ e as ‘putarias’ ‘nomes feios e palavrões’ são ditos, ouvidos e utilizados, fartamente, pelos homens, não importando se lá estão crianças de 05 a 12 anos, como era o comum, ou um idoso, conduzindo seu netinho de colo. E como diz Ângela Nunes (2011: 347-348): “Olhar tudo e todos, ouvir todas as conversas, ir a todos os lugares, são privilégios das crianças e elas os usam com toda a propriedade”. No estádio os homens dizem suas coisas e as crianças, lá estando, obviamente, escutam, delas se apossando ou interpretando-as como bem conseguem. Como pensa Corsaro (2011: 31-32): “(...) as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudança culturais”. Sem dúvida, isso cabe bem em

Catingueira, porque as crianças também dizem, seguindo os homens, seus palavrões e xingamentos.

Em certa medida, à beira do estádio, no que diz respeito aos ‘palavrões e nomes feios’, nada parece inadequado às crianças, uma vez que elas estão inseridas naquele contexto social adultocentrado e masculinizado. No mundo das crianças, assim como no mundo dos adultos, no que diz respeito às regras da moralidade do futebol, tem-se mesmo a sensação de que tudo pode. Para Silva (2009: 363): “É o componente social que regula comportamentos – sociais, culturais, linguísticos – e sanciona quais são as condutas adequadas e quais as inadequadas”.

No contexto dos jogos de futebol, as próprias crianças dizem palavras bem ‘carregadas’ umas contra as outras, às vezes até se apossando do palavreado dos adultos. No entanto, elas se diferenciam dos adultos na medida em que não admitem referências às mães em seus xingamentos. É bem verdade que não vi ninguém ‘sair na tapa’ por conta de encrencas no campo ou por conta de ‘palavrões e nomes feios’ proferidos. Contudo, vários meninos me disseram que dariam porradas em quem falasse “coisa feia” com sua mãe. Um dos gêmeos, com quem frequentemente pude conversar, o Damião, 11a, me disse que já tinha voltado da escola porque deu uns murros num moleque que estava “acanalhando” e dizendo “coisa feia” com sua mãe. No mundo dos homens não somente as mães são achincalhadas, mas as avós, as mães, as mulheres, enfim...

Antes de passar para a próxima etapa deste trabalho, devo, contudo, lembrar que em Catingueira todo mundo parece ser de uma única grande família, ou então todo mundo é camarada. Aliás, na beira do campo o único estranho era eu. Se não eram parentes, eram ao menos pessoas que se conheciam. Quando os homens não sabiam os nomes dos meninos, comumente sabiam onde alguns moravam, ou de quem eram filhos. Os meninos sabiam sempre os nomes dos homens. Em alguma medida, os jogadores de futebol adultos assumiam alguma responsabilidade no sentido de protegerem as crianças, não deixando que elas ‘se

danassem ou arengassem’, ou cometessem pequenos atos infracionais no estádio, mesmo quando estas não pertenciam à família biológica dos homens. Certamente, havia entre eles alguma espécie de ‘consanguinidade social’ a qual parecia importar tanto quanto uma espécie de ‘camaradagem genética’.

Aprofundando os dados colocando as crianças no centro da observação

Carlos Brandão (2007) indicou que o investigador deve ir à cata das histórias da vida num mergulho de profunda contaminação. Cardoso de Oliveira (2000) aponta que a função do pesquisador dentro da perspectiva etnográfica, é ouvir, olhar e escrever sobre os fatos vividos em campo, estabelecendo a partir daí alguma compreensão. É claro que se estou correto, se não exagerei em minha descrição, alguém poderá objetar, censurando, ‘em nome de alguma legítima moralidade’, que não deveria ficar bem, que não é educado e muito menos polido, da parte dos homens, dizer tantos ‘palavrões e nomes feios’ na frente das crianças. E aqui se deixa qualquer observador em mangas de camisa. O pesquisador vai a campo carregando suas perguntas, mas leva também algumas coisas inocentemente idealizadas de sua história pessoal e de sua cultura coletiva, por isso o choque é quase que inevitável (WAGNER, 2010). Embora todos os ‘palavrões e nomes feios’, acima referidos, não tenham sido ditos em uma mesma ocasião, em um mesmo dia, eles eram frequentes, intensos e incensuráveis naquele espaço.

Inicialmente fiquei mesmo chocado. Levei muito tempo questionando o comportamento daqueles homens. Por que agiam daquela maneira? Se fosse num ambiente marcado também por mulheres eles ficariam tão à vontade? Seu comportamento constituía algum desrespeito à criançada presente naquele espaço? É verdade que no período em que a pesquisa foi realizada, o Brasil e o mundo já haviam comentado várias coisas difíceis de serem aceitas ao redor do futebol. Uma parte dos torcedores brasileiros, já tinha, por exemplo, vaiado autoridades, sido grosseiro com atletas, manifestado seu preconceito contra juízes e

torcidas rivais, em fim... Porém, os torcedores brasileiros, ao menos não há registro público, não tinham mandado, num coro sonoro e estrondoso, uma mulher “tomar naquele canto”, que sem nenhuma perspectiva pudica o mandato dizia: “Vai tomar no cu”. Isso aconteceu na copa do mundo de 2014, com uma mulher que, devido às circunstâncias da história recente do país, era ninguém menos que a presidenta da nação. Depois, por conta das inúmeras críticas, essa ação, feita no calor das emoções ideológicas e políticas, acabou causando uma enorme reflexão, desembocando inclusive numa certa ‘ressaca moral’. Mesmo assim, saídos do estádio, ao lado dos que reconheceram os excessos, outros continuaram concordando que deveria ter sido feito daquele jeito e que a presidenta inclusive tinha merecido aquele tratamento. É bem verdade que alguns compreenderam o tamanho da humilhação nacional e internacionalmente e muitos ficaram com aquele sentimento que pode ser caracterizado por ‘vergonha alheia’, no lugar daqueles que deveriam assim se sentir, por terem feito aquele ato, articulado, manipulado ou impensado, numa ocasião que era mais celebrativa do que protestativa. Isso porque, partindo de uma explicação bem simples, para um grupo de torcedores o futebol é muito mais encanto e arte, devendo ser menos explosão política e catarse afetiva. Aquele não era apenas um jogo de futebol. Era muito mais que isso.

De qualquer forma, em Catingueira, eu portava o ECA – Estatuto da Criança do Adolescentes em minha mente, seus princípios, suas diretrizes. Aliás, não tinha ido ao campo pesquisar futebol, e nem direitos infantis, tinha ido apenas como um curioso comum. Contudo, quando se volta de uma temporada investigativa, as respostas pendentes ficam caçando explicações na cabeça do pesquisador.

Hoje, tenho entendido que as realidades encenadas nos palcos da vida nem sempre vêm na dosagem didática, como se fossem atividades escolares preparadas por uma profissional de pedagogia. O vivido humano não está, propriamente, preocupado com o momento certo, o modo mais apropriado, as circunstâncias ideais de se ensinar coisas às

peessoas. Além disso, não seria mais adequado questionar o que seria o certo e o apropriado? Aliás, não acontece assim, por exemplo, com o aprendizado do vernáculo? Ou alguém está preocupado com o que se deveria ensinar primeiro a uma criança que está aprendendo a falar? Acaso se diz: primeiro se aprende verbos, depois substantivos, depois adjetivos? Algumas coisas são aprendidas e ensinadas sem dosagem, sem organização, por infusão. As coisas da cultura são dessa ordem. As pessoas são jogadas nelas e vão observando, vivendo, anotando, assimilando, rejeitando ou acatando-as, mas também imprimindo nelas alguma modificação. É nela que as coisas objetivas vão se tornando subjetivas.

Conforme Vivian Orsi (2011: 334): “Cada dia parece ser mais evidente a adoção de itens léxicos eróticos e obscenos por pessoas de todas as faixas etárias em situações informais, (...)”. Cantar uma música com duplo sentido, dizer “é foda” tem se tornado comuns. Logo, é preciso perceber a entrada das crianças no mundo dos ‘palavrões e nomes feios dos homens’ também como uma forma delas conhecerem as regras sociais dos grupos que compõem o universo por elas habitado, dando-lhes, alguma condição de, mais tarde, interpretarem o mundo no qual o seu vivido se descortina. Para Lisandra O. Gomes (2008: 176): “(...) na convivência com outros, o indivíduo experimenta e aprende os costumes e os valores do seu espaço e do seu tempo. E, ao apropriar-se da cotidianidade da sua época, também se apropria do passado da humanidade e das trajetórias coletivas”.

Não se pode dizer, por exemplo que as crianças não observam os adultos, que o comportamento deles não interfere em suas vidas, que elas não se apropriam de seus costumes e não os reproduzem, ou ainda que ‘palavrões e nomes feios’ não valem de nada. Não é verdade! Aliás, não sem motivos em Catingueira, segundo Pires (2007, p. 234): “Acredita-se que criança que convive excessivamente com adultos aprende o que não deve”. Certamente em alguma medida, elas repetem a “moralidade” masculina adulta, até porque sem reprodução não haveria possibilidade da continuidade societária. E como reflete Toren, (2010: 40): “Cada

criança encontra assim um mundo cuja história particular é concretizada não apenas em um ambiente físico, mas nas relações sociais específicas onde a criança é imediatamente envolvida”. Aliás, não seria possível pensar o mundo se cada geração tivesse de realizar sempre uma coisa totalmente nova. Porém, de certa maneira, as crianças agem com alguma independência em relação à moralidade adulta. Ainda para Christina Toren (2012: 23): “Ao longo de nossas vidas, nosso engajamento ativo no mundo das pessoas e das coisas produz uma diferenciação continuada dos processos por meio dos quais conhecemos o mundo”. Sem dúvida, a reprodução aqui não acontece de forma totalmente passiva. Talvez seja-nos válida a expressão de Corsaro (2011), quando fala de uma reprodução interpretativa na infância. As crianças releem aqueles comportamentos adultos no futebol e parecem adequá-los aos seus momentos existenciais. Pelo que me foi possível observar, a reprodução daquela moralidade adulta, pelas crianças de Catingueira, como em qualquer sociedade humana, acontece sempre com algumas ligeiras modificações.

O campo de futebol em Catingueira, além de ser espaço de sociabilidades e de produção de subjetividades é também um espaço lúdico. Gilles Brougère (2008), afirmou que através da ludicidade as crianças vão, paulatinamente, se apropriando da cultura na qual estão inseridas. Mas não apenas vão tomando posse da cultura que as circunda, como bem registrou Florestan Fernandes, ainda nos anos de 1940, em sua observação sobre os grupos de brincadeiras infantis paulistas. Na opinião desse autor, as crianças “(...) também elaboram, é óbvio, parte dos elementos de seu patrimônio cultural” (FERNANDES, 2004: 247). Isso significa dizer que as crianças assimilam dos adultos coisas importantes, mas elas não estancam na compreensão adulta, elas vão além. Em outras palavras, as crianças também produzem representações válidas, promovem mudanças culturais, podendo ensinar a comunidade adulta sobre diversas coisas. “As crianças não apenas são ensinadas pelos

adultos, como também ensinam aos adultos e a seus pares” (PIRES, 2010: 152). Assim sendo, elas podem até reproduzir, mas reproduzem recriando.

É claro, como fenômeno verbal, os “palavrões e nomes feios” acabam sendo dignos de nota e mereceriam melhor atenção. Contudo, a maneira antropológica que adotamos, no sentido de olhar para as coisas humanas a partir dos próprios seres humanos, a questão dos palavrões torna-se ao menos amainada em seu teor possivelmente censurável de imoralidade, sendo, quando muito, uma realidade a-moral. E assim, já não lhe cabe mais nenhum juízo valorativo, no sentido de considerá-la em sua possível capacidade pejorativa ou humanamente ofensiva. Além disso, ela deixa de se referir exclusivamente ao modo de ser masculino adulto para se dirigir também ao comportamento masculino infantil. Por sua exposição aos ‘nomes feios e palavrões’, estarão, os meninos, em alguma situação de vulnerabilidade desenvolvimental? Será isso, por acaso, danoso para a formação da personalidade infantil? Se estão, por que então os meninos se diferenciam dos homens no que diz respeito ao uso dos xingamentos à beira do gramado? Provavelmente, os homens, tendo já feito o percurso de aprendizado que hoje estão fazendo os meninos, perceberam que as palavras de baixo calão não ‘pegam’ e nem maculam a honra de ninguém. Aquelas parecem ser só palavras de baixo calão ditas em um campo de futebol e nada mais. Será que, ‘pelo andar da carruagem’, os meninos também não compreenderão dessa forma? Ou insistirão em sua diferenciação no futuro? Pelo que entendi, todos aqueles hoje homens provavelmente foram feitos ao som de muitos palavrões. Doutra forma não se explicaria tamanha aceitação, quase uma naturalização comportamental.

Em Catingueira, no universo adulto, vivido no campo de futebol, o palavrão parece deslizar pelos ouvidos, talvez como cantiga de louvação; e, no final da partida, ninguém se lembra mais dos ‘nomes feios’ tomados. Eles parecem funcionar como incentivo para que o jogador melhore o seu desempenho. Afinal de contas, como afirma Damo (2001: 86): “Vai-se

aos jogos para torcer, empurrar o time ou, em certas circunstâncias, para protestar, por meio das vaias (...). Os torcedores, de modo geral, têm uma atitude ativa, participando intensamente do espetáculo”. Insultar faz parte do lúdico, ao menos num campo de futebol, o que me remete aqui às grandes disputas lúdicas tratadas por Huizinga (2000).

Para encerrar

O que se pode concluir do percurso feito por este artigo? Talvez nada seja aqui conclusivo, mas alguns pontos merecem ser destacados, como seguem abaixo.

Em Catingueira, o campo de futebol é antes de tudo um espaço de sociabilidade, onde se produz também subjetividades. Nele, num aprendizado cotidiano, meninos e homens vão construindo suas relações. Não se pode negar que ele é também um ambiente, além de adultocentrado, bastante masculinizado. As crianças não têm nele o primeiro lugar, elas armam seus jogos pelas beiradas e só podem ocupar o centro do gramado quando os homens não se encontram lá.

Os homens dizem mesmo seus ‘palavrões e nomes feios’ na frente das crianças. Mas, hoje pensando, aquilo não parece a eles ser um ato descuidado e inconsequente. Provavelmente entendem aquilo que dizem e fazem como coisa ‘normal’ pra ser feita e dita na presença de homens, na frente de homens, mesmo homens em fazimento, homens já, mas ainda não, como são as crianças do sexo masculino.

Apesar de o futebol catingueirense reproduzir em escala menor uma preferência nacional, adultos e crianças parecem se comportar diferentemente em relação ao dito e ouvido nos espaços do estádio. Mesmo que elas também profiram ‘palavrões e nomes feios’, frequentemente evitam envolver pessoas importantes em suas contendas, como as mães, por exemplo. Em relação ao que se pode dizer envolvendo os pais nada posso aqui acrescentar.

Devo referir que as crianças desenvolvem aprendizados tanto olhando para os adultos quanto convivendo com seus iguais. No campo, com os homens, elas aprendem o que estes falam e também o que estes pensam, não importando ou questionando a sua adequação. Mas tarde estas reproduzem parte dos discursos, peneirando-os a seu modo, selecionando aquilo que lhes convém.

Por fim, apesar de a vida nem sempre funcionar ‘como manda o figurino’, o campo de futebol é um importante palco para a encenação das coisas do vivido e a observação participante pode tirar dele várias lições.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Júlio César. Chats na Web: a linguagem proibida e a queda de tabus. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 8, n. 2, p. 311-334, maio/ago. 2008.

ALMEIDA, Marco Bettine. O Esporte como matriz da sociabilidade espontânea: Um olhar pelo referencial habermasiano. *Revista da ALESDE*, v. 1, n. 1, p. 100-110, setembro.

BRANDÃO, Carlos R. 2007. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Cultura E Sociedade*, V 10, Nº 1, jan/jun P 11-27. 2011.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. 7ª ed. São Paulo: Cortez. 2008.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. 2ª ed. São Paulo: Ed. UNESP. 2000.

CORSARO, W. A. *Sociologia da Infância*. 2ª ed. Trad. Lia G. R. Reis. Porto Alegre: Artmed. 2011.

DAMATA, Roberto. Antropologia do óbvio: Notas em torno do significado do futebol brasileiro. *Revista da USP*, n. 22. 1994.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. *São Paulo em Perspectiva*, vol.15, n.3, pp. 82-91. 2001.

FERNANDES, Florestan. As “Trocinhas” do Bom Retiro: Contribuição ao Estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis. *Pro-Posições*. V. 15, n.1 (43) – jan./abr. 2004.

FRANZINI, FABIO. *As Raízes do País do Futebol: Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 — 1950)*. Dissertação de Mestrado em História (FFLCH—USP). 2000.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Rev. Bras. Hist.* vol.25, n.50, pp. 315-328. 2005.

GASTALDO, Édison. Crônicas da pátria amada: futebol e identidades brasileiras na imprensa esportiva. *Antropolítica*, n. 19, p. 147-163, 2. sem. 2005.

GUEDES, Simoni Lahud. 2011. Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro. *Esporte e Sociedade*, ano 6, n.16, Nov.2010/Fev2011.

GOMES, Lisandra Ogg. 2008. O cotidiano, as crianças, suas infâncias e a mídia: imagens concatenadas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 3 (57) - set./dez.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A. 2000.

LEACH, E. R. 1983. Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal Trad. Letícia Maria Antonioli e Roberto Da Matta. Em DA MATTA, R. (org.) *Edmundo Leach*. Antropologia. São Paulo, 1962.

LEÓN, Adriano. Bola no pé e caneta na mão: futebol e direito em busca do falo perdido. *Revista Política & Trabalho* - Edição 27-30, 2009.

LONGHI, Márcia Reis. *Ser homem, pobre e pai: a construção cotidiana da relação pai-filho nas camadas de baixa renda*. Dissertação de Mestrado em Antropologia/UFPE, Recife. 2001.

MANDI, Ram Avraham. O Futebol-Teatro de Nelson Rodrigues. *ALETRIA* n. 2, v. 22. Maio/Ago, pp. 159-168. 2012.

NUNES, Ângela. A Sociedade das Crianças A’uwe – Xavante: Revisitando um Estudo antropológico sobre a Infância. *Poiésis*, v. 4, n. 8, p. 342 – 359, Jul./Dez. 2011.

ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011.

PIMENTA, C. A. M. Violência entre torcidas organizadas de futebol. *São Paulo em Perspectiva*. vol.14, n.2, pp. 122-128. 2000.

PIRES, Flávia F. 2007. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. *Rev. Antropol.*, São Paulo, v. 50, n.1, Junho.

PIRES, Flavia F. 2010. O que as crianças podem fazer pela antropologia? *Horizontes Antropológicos*, ano 16, n. 34, p. 137-157, jul./dez.

PIRES, Flávia F. *Os filhos-ausentes e as penosas de São Sebastiãozinho. Etnografia da Festa da Catingueira/PB*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

PIRES, Flávia F; SILVA JARDIM, George A. A. Geração Bolsa Família: Escolarização, trabalho infantil e consumo na casa sertaneja (Catingueira/PB). *RBCS*, Vol. 29 n° 85, junho. 2014.

RIBEIRO, Simone N. A Linguagem do Futebol no Brasil e em Portugal. *Idioma*. Nº 21. p. 14-18. 2001.

SANTOS, Demócrito Cruz; COSTA, Kátia Regina Lopes. PALAVRÃO: Um olhar sobre a possível não-arbitrariedade deste signo linguístico. *Web-Revista SOCIODIALETO: Campo Grande*, v. 3, nº 9. mar. 2013.

SILVA, Carolina Batista. 2009. “Aquela palavra ruim, o Ruim”: a tabuização da lexia diabo no português falado no Maranhão. *SIGNUM: Est. Ling.*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 343-366, jul.

SILVA, Antonio L. Um Estudo acerca das Políticas Públicas e da Participação das Crianças em Catingueira - PB. *Mnemosine* Vol.8, nº2, p. 225-257. 2012.

SILVA, Antonio L. 2013a. *Pelas Beiradas: Duas décadas do ECA em Catingueira*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, PPGA/UFPB. João Pessoa.

SILVA, Antonio L. 2013b. Jogando pelas beiradas: sobre o vivido de meninos e homens num estádio de futebol em Catingueira – PB. *Cadernos de Campo*, n. 22, p. 103-117.

SOUZA, Marcos Alves de. Gênero e Raça: A nação construída pelo futebol brasileiro. *Cadernos Pagu* (6-7): pp.109-152, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique. Por Que Xingam os Torcedores de Futebol? *Cadernos de Campo*, n. 3(3), p. 20-29. 1993.

TOREN, Christina. Antropologia e Psicologia. *RBCS*, Vol. 27 n° 80, outubro. 2012.

TOREN, C. A matéria da imaginação: o que podemos aprender com as ideias das crianças fijianas sobre suas vidas como adultos. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 19-48, jul./dez. 2010.

WACQUANT, Loic J. D. Putas, Escravos e Garanhões: Linguagens de Exploração e de Acomodação entre Boxeadores Profissionais. *Mana*, 6(2):127-146. 2000.

WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naif. 2010.

1 A pesquisa aqui aludida foi financiada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGA, na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, resultando em minha dissertação (Silva 2013a). Agradeço à Flávia F. Pires (UFPB) pela orientação durante todo o processo, especialmente na direção da Antropologia da Criança, às professoras Mônica Franch (UFPB), Márcia Longhi (UFPB) e Fernanda Bittencourt Ribeiro (PUC-RS) pelas contribuições dadas tanto na qualificação quanto no momento da apresentação final. Uma nota de gratidão às companheiras do grupo de pesquisa CRIAS – Criança Cultura e Sociedade: Patrícia Oliveira (UFPB), Christina Gladis M. Nogueira (UEPB), Edilma N. J. Monteiro (UFSC), Priscila J. Ribeiro (URCA), pelas discussões no entorno das crianças. Por fim, sou muito grato a José Soares pela leitura cuidadosa e sugestiva quando da elaboração deste artigo.

2 Na última observação que fiz no município, no mês de janeiro de 2015, observei uma partida em que jogavam o prefeito e o secretário de esportes, tendo o pai do prefeito como juiz. Os palavrões não eram, por conta dessas autoridades municipais, menos pronunciados.